



Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Eunápolis - BA  
ISSN 2179-2984

## **Para não dizer que não falei das flores: os sujeitos da educação de jovens e adultos e as práticas de letramento linguístico**

**Anne Caroline de Souza Grigório\*** - e-mail: anne.368632@gmail.com.

**Keyla Silva Râbello\*\*** - e-mail: keyla.rabelo@ifba.edu.br.

\* Discente do curso técnico em Meio Ambiente - IFBA. Bolsista do IFBA.

\*\* Professor de Língua Portuguesa - IFBA.

**Resumo.** O objetivo principal com este estudo foi avaliar as práticas de Letramento Linguístico voltadas para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e refletir sobre ações de ensino mais condizentes com a realidade deste alunado, de forma a levá-lo a ocupar, com maior consciência, diferentes lugares a partir dos quais poderá, através da linguagem, interagir socialmente. Esse objetivo se desdobrou no questionamento sobre como ocorrem os movimentos de letramento linguístico nos cursos de Educação de jovens e adultos (EJA) da cidade de Eunápolis-BA, considerando não só a caracterização da proposta curricular ofertada pela rede estadual à EJA Ensino Médio, como também as práticas de letramento vivenciadas por eles e as práticas de ensino realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, locus onde as pessoas pensam e agem de forma situada e onde constroem suas intersubjetividades. Na procura por respostas a essa indagação, optou-se, através da abordagem qualitativa, pelo método da pesquisa-ação. O debate proposto pela pesquisa foi fundamentado em discussões realizadas no âmbito da Linguística Textual, do ensino de Língua Portuguesa e das práticas de letramento. Os resultados nos mostram que a escola se apresenta vulnerável às condições de práticas de escrita destinadas ao aluno da EJA, uma vez que continua a oferecer a esses sujeitos o remedial (acesso à escola) e o instrumental (a alfabetização ou poucas práticas de letramento).

**Palavras-Chave.** Educação de jovens e adultos. Ensino de língua portuguesa. Letramento linguístico.

## **Not to say I did not talk about the flowers: the subjects of youth and adults educations and the practices of linguistic literacy**

**Abstract.** *The main aim of this study was to evaluate the Literacy Language practices focused on the subject of Youth and Adult Education (EJA) and reflect on more consistent educational actions with the reality of the student in order to get him to take up with greater awareness, different places from which you can, through language, interact socially. This goal was deployed in questioning about the movements of language literacy in youth education courses and adults occur (EJA) in the city of Eunápolis-BA considering not only the characterization of the proposed curriculum offered by the state network EJA High School, as also the literacy practices experienced by them and teaching practices carried out in Portuguese classes, locus where people think and act so located and where they build their intersubjectivities. In the search for answers to this question, it was decided, through a qualitative approach, the method of action research. The debate proposed by the research was based on discussions within the Linguistics Textual, the Portuguese language education and literacy practices. The results show that the*

*school appears vulnerable to conditions of writing practices for the students of EJA, as it continues to offer these individuals the remedial (access to school) and instrumental (literacy or few practices of literacy).*

**Keywords:** *English language teaching. Education of youth and adults. Language literacy.*

## 1. INTRODUÇÃO

Escolher Pra não dizer que não falei das flores como parte do título deste artigo foi, positivamente, criar uma interface entre o contexto de produção desta composição musical de Geraldo Vandré (período histórico marcado pela ditadura militar no Brasil e o silenciamento de tantas vozes que aqui clamavam por democracia e liberdade) com a situação, comumente, vivenciada pelos jovens e adultos que decidem voltar às escolas: não só se deparam com o empoderamento de, apenas, um dos modos de dizer das variedades linguísticas existentes e, por isso, passam a ter sua voz ocupando um lugar de desprestígio, como também são, muitas vezes, impossibilitados de experimentar uma educação de qualidade e respeitosa às suas particularidades.

Ao pensarmos nas pessoas da EJA como sujeitos de conhecimento e de aprendizagem exige de nós um olhar sobre elas que vai além de suas características etárias; é preciso, principalmente, analisar o lugar social de onde eles vêm e de onde falam: grupos culturais aos quais pertencem, qual o motivo pela procura dos cursos, suas relações com o mundo do trabalho e na sociedade onde vivem, seu bem-estar psicológico, conhecimentos acumulados sobre o mundo (o que sabem, o que desejam saber e o que não sabem). Esse olhar voltado para o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, construtor de sua própria história, que traz para a escola um conhecimento vasto e diferenciado, contribui, efetivamente, para sua permanência na escola e uma aprendizagem de qualidade (BRASIL, 2006).

Dessa forma, ações que busquem respeitar a diversidade desta população, garantindo políticas públicas como instrumentos de cidadania e de contribuição para a redução das desigualdades deveria ser o objetivo de qualquer projeto voltado para a EJA.

O estudo que realizamos pressupõe pensar em uma proposta de ensino de Língua Portuguesa para estes segmentos que exige, sobretudo, respeito à realidade desses sujeitos, suas demandas, necessidades e desejos, principalmente aqueles que concernem ao âmbito da educação e do trabalho. A escola, conforme nos adverte Abramo (apud RIBEIRO, 2010), deverá caber na vida desses jovens e não o contrário, entretanto o aluno da EJA continua, nas aulas de Língua Portuguesa, vítima de um programa que já não responde às suas necessidades sociais e que, conseqüentemente, cria, nestes sujeitos, estereótipos cada vez mais marcados. Assim como Freire (2005, p. 63), tememos que muitos deles, incompreendidos e marginalizados, ofendidos e humilhados, afoguem-se no desespero e percam, assim, o significado de seu papel, diante do novo recuo que os esmaga.

Com esta pesquisa, espera-se que os resultados possam, de alguma forma, contribuir para reflexões sobre a práxis em relação ao ensino de língua, além de apontar direções/ações que venham efetivar práticas pedagógicas que amenizem ou solucionem alguns dos aspectos do recorte que o projeto propõe.

Para atender a estes anseios, o objetivo geral visou a analisar as práticas de Educação Linguística voltadas para os sujeitos da EJA e refletir sobre ações de ensino mais condizentes com a realidade do alunado, de forma a levá-lo a ocupar, com maior consciência, diferentes lugares a partir dos quais poderá, através da linguagem, interagir socialmente.

Como desdobramentos, planejou-se: 1) Fazer levantamento, junto à Secretaria Municipal de

Educação, das escolas que oferecem Educação de Jovens e Adultos em Eunápolis-Ba; 2) Identificar o quantitativo de matrículas efetivadas em 2015 para a EJA no município de Eunápolis-Ba e o índice de evasão desse segmento nos últimos 03 anos; 3) Analisar as práticas de escrita na EJA, tomando por base as condições de produção, no que se incluem quem escreve, o que escreve, para quem escreve, quando escreve, como escreve e verificar de que forma estas práticas contribuem para a ampliação do repertório linguístico dos alunos e na construção de sentido dos textos produzidos por eles e 4) Identificar como se configuram, nos documentos oficiais (Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Documento Base Nacional da EJA e Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas), as políticas de educação linguística voltadas para a Educação de Jovens e Adultos.

## 2. MÉTODOS E MATERIAIS

A pesquisa que por ora apresentamos insere-se no âmbito das Ciências Humanas por englobar relações de caráter humano e social no que se refere aos estudos voltados para o campo da linguagem, daí, também, a opção pelo método de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, principalmente, por concordar com o que diz Angrosino (2009, p. 8):

"[...] Esse tipo de pesquisa visa a abordar o mundo lá fora (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais de dentro de diversas maneiras diferentes: analisando experiências de indivíduos ou grupos. [...] Examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo [...] e investigando documentos (textos, imagens, filmes ou música) ou traços semelhantes de experiências ou interações."

O estudo adotou a análise documental, observação-participativa e entrevista com os docentes e discentes de Língua Portuguesa das escolas pesquisadas (em sua totalidade 03 no município de Eunápolis-BA, conforme metodologia descrita abaixo:

### 2.1 Do levantamento

1. Levantamento junto à Diretoria Regional de Educação (8ª DIREC) das escolas estaduais que oferecem Educação de Jovens e Adultos na modalidade Ensino Médio (Tempo Formativo III), dos dados concernentes ao número de matrículas efetuadas em 2015 para este segmento e dos dados estatísticos de evasão nos últimos 03 anos;
2. Análise documental (Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e Programa de Língua Portuguesa destinado à EJA), a fim de compreender como estes abordam a questão do ensino de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, como se dão as práticas de escrita na EJA em Eunápolis-Ba.

### 2.2 Do olhar sobre as práticas de escrita na escola

1. Aplicação de questionário junto aos professores de Língua Portuguesa a fim de que o orientador possa verificar as concepções de ensino de língua que subjazem suas práticas e se essas dialogam com o que os estudos contemporâneos orientam;
2. Observação de aulas de Língua Portuguesa destinadas à produção textual na EJA a fim de averiguar a reação dos alunos quando desafiados a práticas de escritas;

### 2.3 Da discussão qualitativa do levantamento

1. Leitura dos documentos oficiais que tratam de questões referentes à EJA: Lei de Diretrizes e bases da Educação (LDB), Documento Base Nacional da EJA e Diretrizes Curriculares da EJA;
2. Leitura de bibliografia básica acerca das discussões sobre ensino de língua na escola.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o Documento elaborado pela Secretaria de Educação da Bahia sobre a Política de EJA da Rede Estadual (2009), a proposta pedagógica da Educação de Jovens e Adultos está pautada pelo dever do Estado de garantir a Educação Básica à população e deverá levar em conta as formas de vida, trabalho e sobrevivência dos jovens e adultos que se colocam como principais destinatários dessa modalidade de educação.

Este mesmo documento aponta que, para a garantia do direito dos jovens e adultos à Educação Básica, o currículo deverá ser pautado em uma pedagogia crítica, que considera a educação como dever político, como espaço e tempo propícios à emancipação dos educandos e à formação da consciência crítico-reflexiva e autônoma.

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), em seu artigo 37º § 1º e § 2º:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

O texto aponta, ainda, que o principal objetivo pra este segmento é a construção coletiva da nova Política de EJA, a elaboração de uma Proposta Curricular com base em aprendizagens por Tempos Formativos, Eixos Temáticos e Temas Geradores.

De acordo com o que encontramos nos documentos fornecidos pela Diretoria Regional de Educação (8º DIREC) situada em Eunápolis - Ba, a Proposta Curricular, estruturada por Tempos Formativos, está assim organizada:

- **1º Tempo:** Aprender a Ser, contendo 03 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Identidade e Cultura; Cidadania e Trabalho; Saúde e Meio Ambiente).
- **2º Tempo:** Aprender a Conviver, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Trabalho e Sociedade; Meio Ambiente e Movimentos Sociais).
- **3º Tempo:** Aprender a Fazer, contendo 02 Eixos Temáticos, com 01 ano de duração cada um (Globalização, Cultura e Conhecimento; Economia Solidária e Empreendedorismo).

Além de tentarmos compreender a proposta curricular da EJA Ensino Médio da Rede Estadual (Bahia), realizamos levantamentos juntamente à Diretoria Regional de Educação (8º DIREC) em relação aos colégios que oferecem Educação de Jovens e Adultos em Eunápolis-Ba. Identificamos que apenas três escolas oferecem cursos para essa modalidade no Ensino Médio. Dessas escolas, só foi viável trabalharmos com duas delas, uma vez que, por questões de logísticas e indisponibilidade de transporte do IFBA campus Eunápolis nas datas reservadas para as visitas, não conseguimos realizar os levantamentos de dados no Colégio Eloyna.

1º TEMPO: APRENDER A SER				
EIXOS TEMÁTICOS	DURAÇÃO	TEMAS GERADORES	DURAÇÃO	ÁREAS DE CONHECIMENTO
I - Identidade e Cultura	1 ano	Diversidade cultural Gênero; o lugar da mulher na sociedade Identidade afro-brasileira e indígena A família e a sociedade plural: crise e sentidos	1 bimestre cada tema	Linguagens (Língua Portuguesa e Artes); Matemática; Estudos da Natureza e da Sociedade
II - Cidadania e Trabalho	1 ano	Ações coletivas para a construção da cidadania Aldéias e quilombos: espaços de luta e resistência O cidadão como sujeito de direitos e deveres O desemprego, a fome e suas consequências	1 bimestre cada tema	
III - Saúde e Meio Ambiente	1 ano	A saúde do planeta Direito à qualidade de vida dos setores populares Segurança e defesa da vida As drogas lícitas e ilícitas como ameaça à vida	1 bimestre cada tema	
2º TEMPO: APRENDER A CONVIVER				
EIXOS TEMÁTICOS	DURAÇÃO	TEMAS GERADORES	DURAÇÃO	ÁREAS DE CONHECIMENTO
IV - Trabalho e Sociedade	1 ano	Relações de poder no mundo do trabalho Experiências históricas de emancipação O movimento sindical e as relações de trabalho Estratégias de emancipação e participação política nas relações de trabalho	1 bimestre cada tema	Linguagens (Língua Portuguesa, Artes e Língua Estrangeira); Matemática; Estudos da Natureza e da Sociedade
V - Meio Ambiente e Movimentos Sociais	1 ano	Trajetória dos movimentos sociais Concepções de meio ambiente e suas implicações Movimentos em defesa do meio ambiente Atuação das lideranças populares em defesa da vida	1 bimestre cada tema	

Figura 1- Modelo Curricular EJA

ÁREAS	DISCIPLINAS	3º TEMPO FORMATIVO				CH
		EIXO VI		EIXO VII		
		Sem.	Anual	Sem.	Anual	
<b>BASE NACIONAL COMUM</b>						
I - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	4	160	--	--	160
	Língua Estrangeira	2	80	--	--	80
II - Ciências Humanas e suas Tecnologias	Geografia	4	160	--	--	160
	História	4	160	--	--	160
	Sociologia	2	80	--	--	80
	Filosofia	2	80	--	--	80
III - Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias	Matemática	--	--	4	160	160
	Física	--	--	4	160	160
	Química	--	--	4	160	160
	Biologia	--	--	4	160	160
<b>DIVERSIFICADA</b>						
Artes e Atividades Laborais		2	80	4	160	240
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL</b>		<b>20</b>	<b>800</b>	<b>20</b>	<b>800</b>	<b>1.600</b>
<b>Legenda:</b> Sem.: semanal. CH: carga horária.						

Figura 2- Matriz curricular do 3º tempo formativo

O Colégio Estadual Armando Ribeiro Carneiro foi uma das escolas investigadas. Ele fica localizado na Rua Maria Quitéria, N°281, no centro. Desde 2002, o colégio oferece EJA e possui sete turmas na modalidade EJA Ensino Médio (estimativa de 40 alunos por turma). É importante destacar que a pesquisa concentra-se no Eixo VI (1º ano) porque é nele que o ensino de Língua Portuguesa acontece.

Nesse mesmo colégio, existem três turmas referentes ao Eixo VI: Turma A, composta por 36 alunos; Turma B, com 35 alunos e a Turma C com 38 alunos. O componente de Língua Portuguesa é ministrado, no Eixo VI, por dois professores. Os docentes trabalham com o livro didático da Coleção Viver, Aprender (Ensino Médio - Linguagens e Códigos) incluindo as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola e Artes.

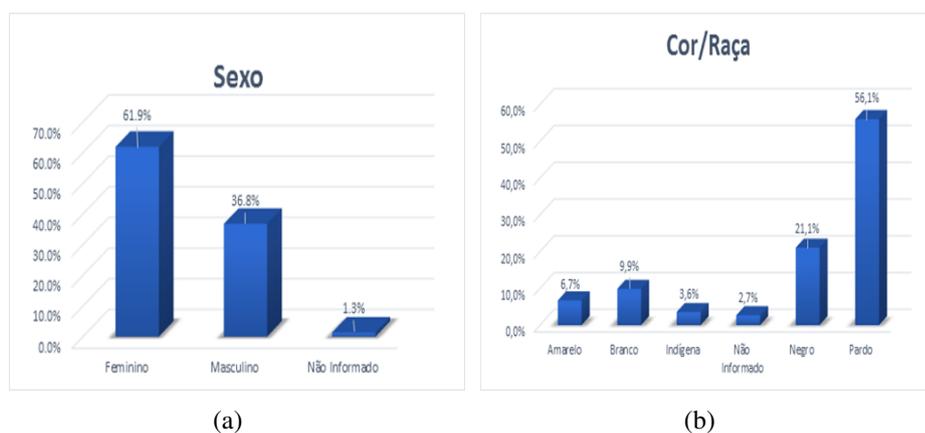
Em relação às informações do número de matriculados e evadidos na EJA Eixo VI, a direção informou que esses dados não ficam mais registrados na escola e que, por isso, eles não tinham como nos fornecer naquele momento. Os dados são lançados diretamente no Portal da Educação.

A segunda unidade escolar investigada foi o Colégio Estadual Baden Powell, localizado na Rua do Pinheiro, no bairro Moisés Reis. Desde 2010, a escola oferece o curso de EJA modalidade Ensino Médio, com duas turmas referentes ao Eixo V: a Turma A contém 30 alunos e a Turma B possui 27 alunos. O componente curricular de Língua Portuguesa é ministrado por um professor no Eixo VI. Ele também utiliza o livro didático da Coleção Viver, aprender (Ensino Médio - Linguagens e Códigos).

Os últimos anos foram marcados por um número negativo em relação aos dados de evasão: em 2012, o número de matriculados era equivalente a 120 e o de evadidos a 35; em 2013, foram feitas por volta de 130 matrículas e 28 acabaram saindo do colégio; em 2014 o número de matriculados foi de 120 e o de evadidos de 40 e em 2015, a média de 120 matriculados e de 42 evadidos.

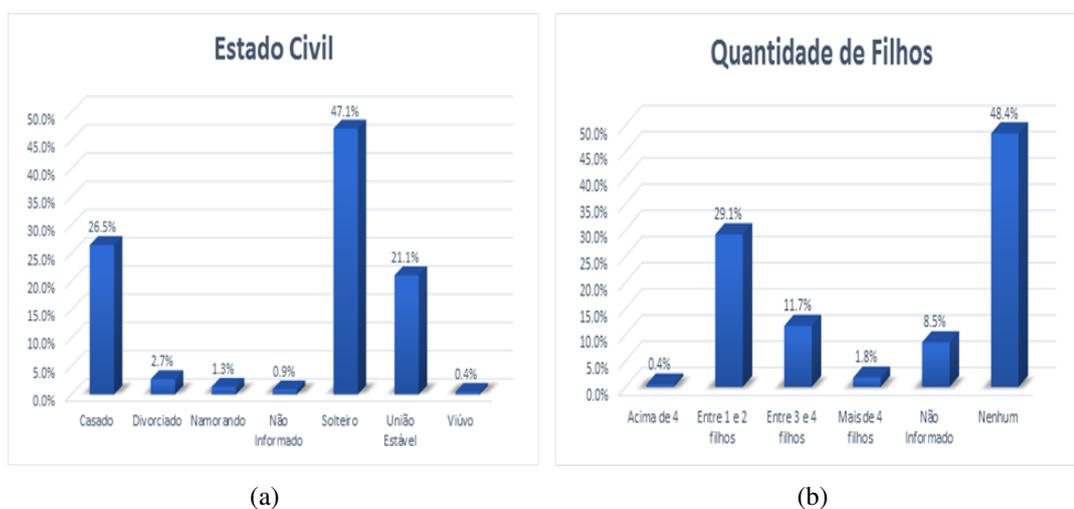
A fim de se identificar o perfil dos sujeitos da EJA Ensino Médio no município de Eunápolis-Ba, elaborou-se um questionário socioeconômico. A partir dele, chegamos aos resultados que apresentaremos a seguir em forma de gráficos:

Figura 3- Gráfico 1 e 2



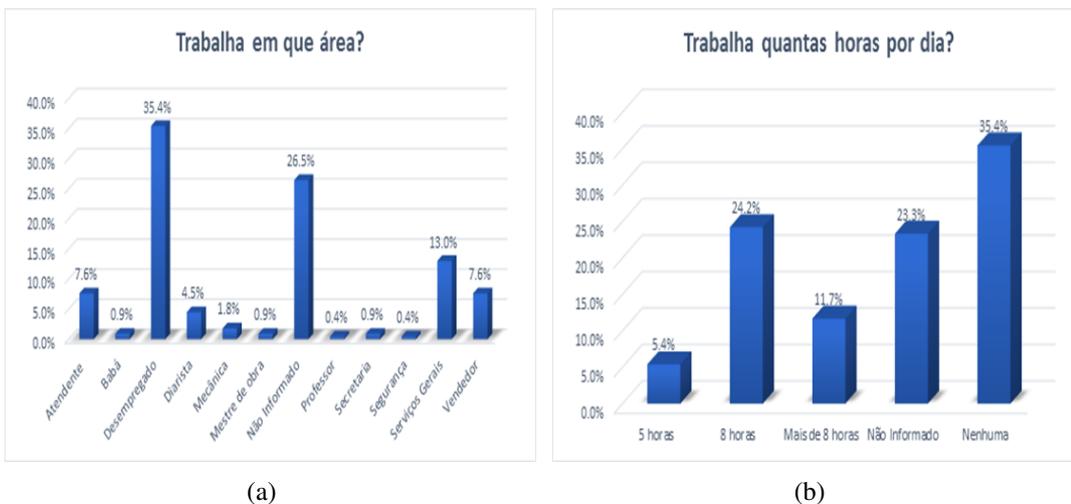
(a) (b)  
Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 4- Gráfico 3 e 4



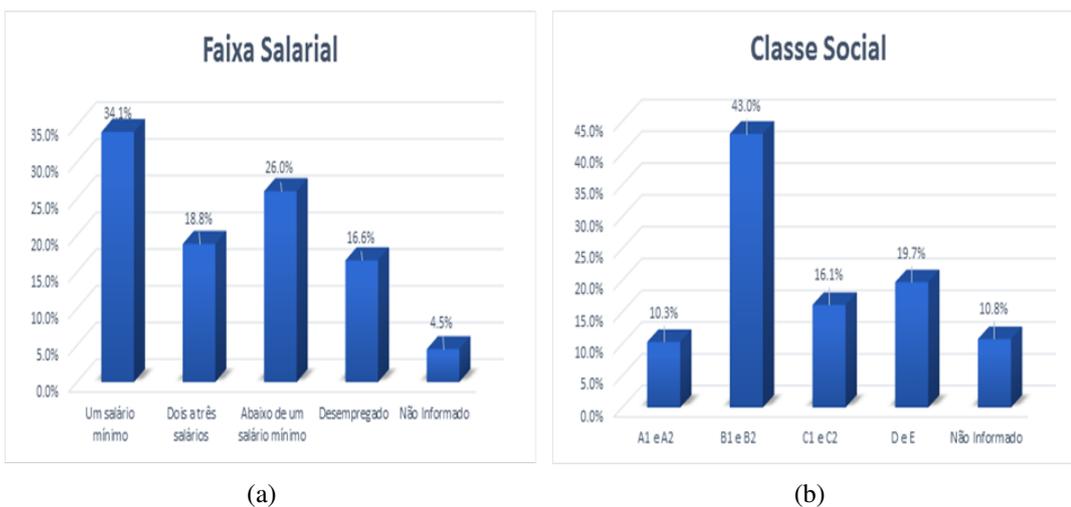
(a) (b)  
Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 5- Gráfico 5 e 6



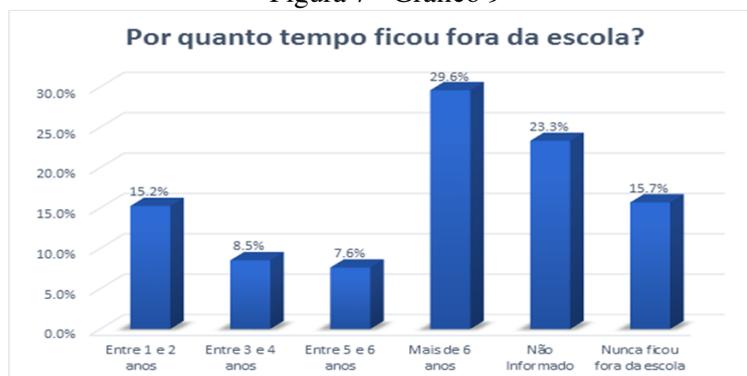
Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 6- Gráfico 7 e 8



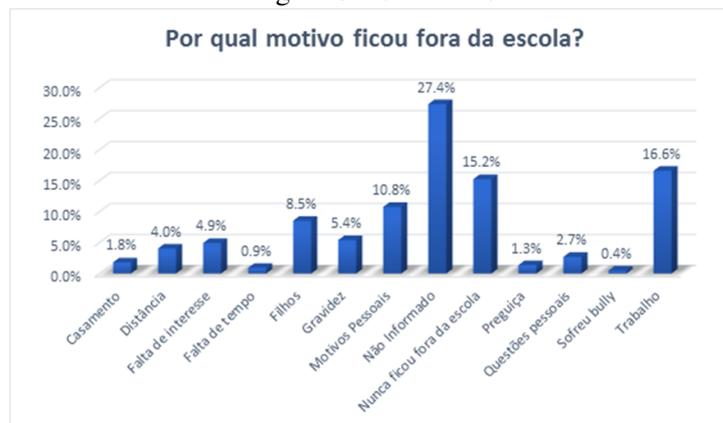
Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 7- Gráfico 9



Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 8- Gráfico 10



Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Percebemos, por meio dos gráficos referentes ao perfil dos alunos da EJA no município de Eunápolis-Ba, que o resultado converge com o que nos é apresentado pelo Documento Base do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA: BRASIL, 2007). Nele, aponta-se que a EJA trabalha com sujeitos marginais ao sistema, com atributos acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero, entre outros.

Verificamos, também, que há uma predominância de sujeitos pertencentes à classe trabalhadora e com renda estimada entre um e dois salários mínimos (o número de desempregados é muito grande); são pardos e negros em sua maioria; solteiros e mulheres.

O maior motivo pelo abandono dos estudos e o distanciamento da escola por muito tempo (maioria com mais de seis anos longe da sala de aula) foi a necessidade de trabalhar cedo para sustentar suas famílias.

Outra etapa da pesquisa foi a aplicação de um questionário com os professores de Língua Portuguesa que ministram aulas na EJA Eixo VI a fim de entendermos a postura política desses sujeitos em relação ao ensino de língua.

Com a análise dos questionários preenchidos pelos docentes das duas unidades escolares que foram investigadas - Colégio Baden Powell e Colégio Armando Ribeiro - foi possível constatar que os professores não passaram por uma formação específica para trabalhar com a EJA. Já em relação ao nível de conhecimento a respeito da legislação da EJA, nota-se que os professores ou não conhecem a legislação ou a conhecem parcialmente.

Outro dado interessante é que, em seus depoimentos, os professores afirmam que buscam realizar atividades voltadas para a realidade do aluno. Indicam que as atividades centram-se em atividades gramaticais, algumas produções de textos, refazimentos de algumas produções textuais e atividades de leitura e compreensão de textos. Um dos professores entrevistado afirmou que, devido a sua exaustiva carga horária e às salas cheias não tem condições de trabalhar atividades de leitura e produção de texto como desejaria. Infelizmente, esse depoimento reflete um fato já constatado, debatido e ainda não resolvido em nosso sistema educacional: as condições de trabalho que são oferecidas aos profissionais do magistério em nosso país são de péssima qualidade e isso reflete, diretamente, na qualidade de educação oferecida aos nossos alunos. Eles, no que se refere à educação linguística, estão sujeitos ao risco de passar sua vida escolar com raras oportunidades de produzir textos escritos e testar suas competências e habilidades linguísticas.

Outro dado coletado foi a opinião dos alunos sobre as expectativas que eles tinham em

relação às aulas de Língua Portuguesa (o que eles desejam aprender e por que desejavam aprender determinados conteúdos) e a contribuição deste conhecimento para sua vida pessoal. Nas respostas, as que mais se destacaram foram: aprender a se expressar, dialogar, escrever e pronunciar as palavras corretamente; aprimorar os conhecimentos, ter acesso aos diversos gêneros textuais, além de aprender novas palavras, seus significados e origens.

A maioria dos alunos alegou que os benefícios da aprendizagem da Língua Portuguesa estão relacionados, principalmente, a uma melhor oportunidade de emprego; outros citaram, por exemplo, o desejo de fazer vestibular ou ENEM.

Eis alguns depoimentos:

“Minha expectativa é que seja (a Língua Portuguesa) capaz de auxiliar jovens e adultos na busca pela ampliação de seus conhecimentos e por maior qualificação profissional”

“Aprender a escrever correto, conhecer palavra diferentes e seus significados, distinguir as origens das palavras”

“Acredito que vou aprender a forma padrão da língua. Devo aprender, pois sei que será fundamental para um futuro vestibular”.

Por outro lado, no que se refere à opinião dos alunos da EJA em relação à importância da aprendizagem da Língua Portuguesa, temos as seguintes opiniões:

“Ela é importante, pois a faculdade requer muita experiência em termo da Língua Portuguesa”

“O ensino da Língua Portuguesa é fundamental para nossa vida em geral, pois através da Língua Portuguesa aprendemos a nos comunicar melhor e conseguiremos mais oportunidades no mercado de trabalho”

“Na minha opinião, a Língua Portuguesa transforma vida e forma cidadãos. O aprendizagem que nós adquirimos com a Língua Portuguesa traz significados importantes para o nosso dia a dia e o nosso convívio social”.

A última fase desta pesquisa consistiu no mapeamento do nível de letramento dos alunos da EJA Ensino Médio no município de Eunápolis - BA. Os tipos de gêneros e suas respectivas formações discursivas foram organizados seguindo as orientações de Costa (2012), modelo usado por nós em nossa coleta. Com as informações coletadas tivemos uma melhor visão de como se encontra o nível de letramento dos alunos considerando não só o conhecimento estrutural/linguístico/contextual, mas, sobretudo, suas práticas reais de uso.

A pesquisa foi dividida em duas categorias:

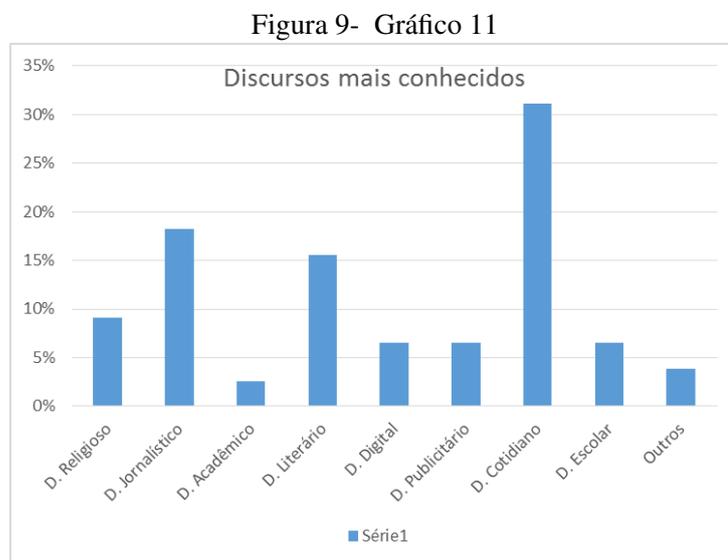
- 1) Se o aluno conhece o gênero textual apresentado (estrutura do gênero textual, contexto de circulação, interlocutores, linguagem empregada etc.) e
- 2) Se o aluno conhece o gênero textual apresentado e se ele faz parte de sua história de letramento em termos de práticas sociais e escrita vivenciadas.

A perspectiva tipológico-conceitual enunciativo-discursiva tomada como base para análise do nível de letramento dos sujeitos da EJA está de acordo com o que aponta Adam (1992, p.15) ao afirmar que existem formações discursivas (domínios discursivos) religiosa, jornalística, política, literária ou cotidiana nas quais se produzem entre outros gêneros do discurso:

- (i) Religioso, a prece, o sermão, a parábola, etc.;
- (ii) Jornalística, a notícia, a reportagem, o editorial, etc.;
- (iii) Literário, a tragédia, o romance, o conto, etc.;
- (iv) Cotidiano, a conversação e seus tipos, etc.

Essa tipologia, em conformidade com o que aponta Costa (2012, p.25), não esgota a diversidade e a heterogeneidade dos gêneros existentes, mas se trata apenas de um quadro exemplificativo, com alguns Discursos e alguns de seus Gêneros.

Com a aplicação do questionário, percebemos que os gêneros textuais mais conhecidos por eles são aqueles pertencentes ao discurso cotidiano, discurso jornalístico, discurso literário e discurso religioso, conforme podemos constatar no gráfico abaixo:



Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Outra análise realizada foi no sentido de constataremos quais são os discursos que se apresentam como os de maior familiaridade (familiaridade no sentido de vivências de escrita) entre os alunos da EJA (Ensino Médio) de Eunápolis-BA.

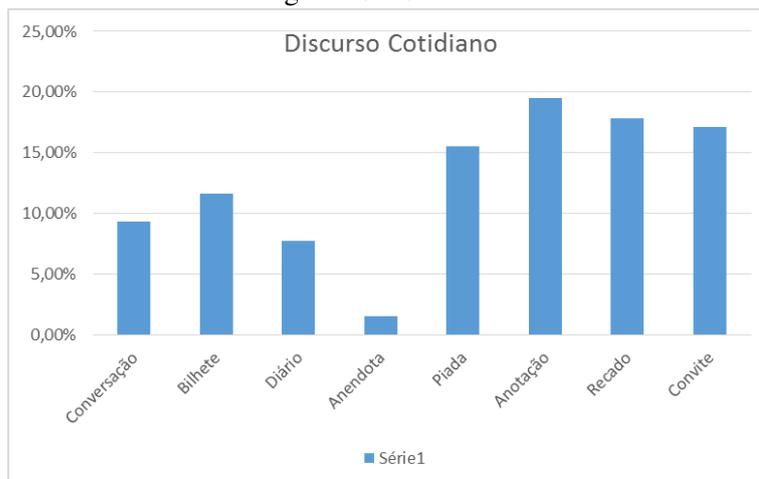
Apresentamos, a seguir, os gêneros textuais que estão dentro de cada um desses quatro discursos e como se encontra, efetivamente, a prática social desses gêneros na vivência dos sujeitos investigados:

Como o nosso foco é a escrita, descartamos, em nossa análise, os gêneros pertencentes à oralidade. Com isso, percebemos, diante dos resultados apresentados nos gráficos acima, que as práticas de escrita concentram-se mais nos seguintes gêneros textuais mais ligados ao cotidiano desses alunos: anotações, bilhetes, reportagem e notícia.

Os gêneros pertencentes aos discursos literário e jornalístico destacam-se, também, por serem mais vivenciados nas aulas de Língua Portuguesa e comumente encontrados nos livros didáticos.

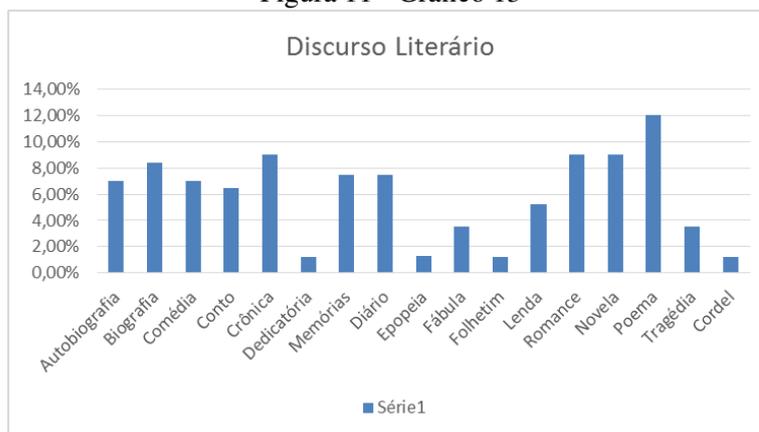
Não destacamos os gêneros pertencentes ao discurso religioso porque as práticas sociais dos alunos em relação a esses textos acontecem de forma oralizada. Eles, segundo seus depoimentos, não produzem esses gêneros na modalidade escrita.

Figura 10- Gráfico 12



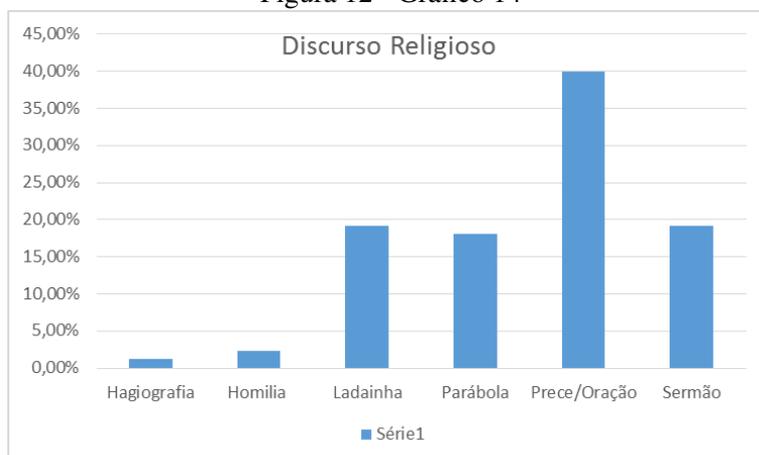
Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 11- Gráfico 13



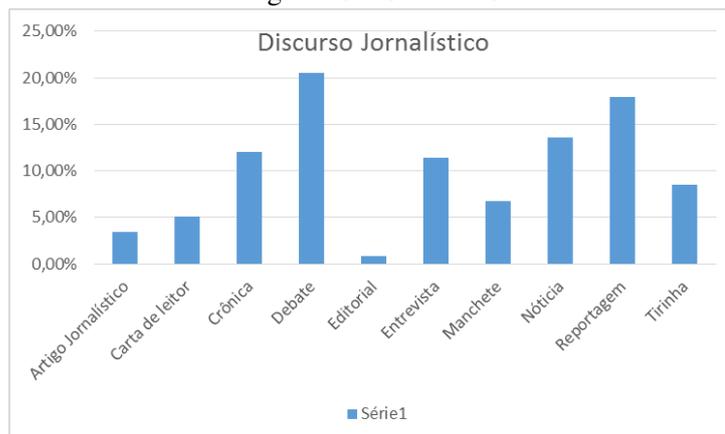
Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 12- Gráfico 14



Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

Figura 13- Gráfico 15



Fonte: Dados gerados pela pesquisa.

#### 4. CONCLUSÕES

As leituras realizadas durante o período da pesquisa levam-nos a refletir sobre como os alunos da Educação de Jovens e Adultos ainda são vistos e tratados pela sociedade: sujeitos marginalizados e oprimidos pelo sistema educacional. Apesar da ampla produção acadêmica e discussão em relação a esse segmento, muitos ainda são os caminhos a serem trilhados para que a formação destinada a estes sujeitos saia do remedial e instrumental e se efetive, de fato, como uma prática respeitosa.

Para a EJA, exige-se, sobretudo, respeito à realidade dos alunos, às suas demandas, necessidades e desejos. É preciso um olhar mais sensível e atento, analisando, assim, o lugar social de onde eles vêm e falam, suas relações com a educação e com o trabalho, quais culturas são vivenciadas em seu cotidiano, seus conhecimentos gerais, bem-estar psicológico, o que almejam aprender e o que precisam aprender.

Não é novidade a afirmação de que estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.) e a necessidade de estar diariamente na escola torna-se um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho.

Durante as visitas feitas aos colégios Baden Powell e Armando Ribeiro, foi possível observarmos a dificuldade dos alunos no quesito pontualidade nas aulas, principalmente pelo fato de que eles chegam tarde do trabalho, precisam cuidar dos filhos e da casa antes de se dirigirem à escola.

Percebe-se o quanto se faz necessária a oferta de uma escolarização básica de qualidade, que auxilie esses alunos a vivenciarem uma formação cidadã e transformadora na qual sua atuação seja crítica e reflexiva em relação ao mundo em que estão inseridos.

que busquem respeitar a diversidade desta população, garantindo políticas públicas como instrumentos de cidadania e de contribuição para a redução das desigualdades deveria ser o objetivo de qualquer projeto voltado para a EJA. De fato, inúmeros programas vêm sendo criados com o objetivo de acabar com o analfabetismo e aumentar os anos de estudo da população, entretanto as políticas públicas criadas para essa demanda ainda não conseguem driblar os desafios que levam à evasão nessa parcela da população, como a falta de tempo para estudar e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. (DI PIERRO, 2005)

No que se refere à educação linguística, foi possível observar o quanto ela deve oferecer aos alunos da EJA algo que vá além da alfabetização. É preciso preparar cada um desses jovens

e adultos para o acesso às diversas formas de letramento, a fim de que eles possam interagir socialmente, tornando-se autores de sua própria história. Esse desejo, comumente, ainda esbarra em diversas questões: melhorias nas condições de trabalho do professor e na estrutura das escolas para receber nossos alunos; falta de engajamento político do professor em relação às políticas linguísticas destinadas aos sujeitos da EJA e material didático muitas vezes inadequado ou inexistente.

Street (2014), ao falar sobre o analfabetismo, faz severa crítica à forma como os sujeitos assim rotulados são tratados - sujeitos atrasados e carentes de habilidades cognitivas e argumenta contra as campanhas de massa que pressupõem efeitos universais e reiteram lugares-comuns e narrativas paternalistas.

Nesse sentido, é válida a reflexão trazida por Osakabe (2001, p. 9) em relação ao papel das instituições educacionais e o ensino de língua na EJA:

Muito pouco tem a ensinar a escola pública brasileira atual aos cidadãos das camadas populares nas exigências linguísticas mais imediatas, no contexto particular, na intimidade de suas relações mais próximas. No entanto, ela pode vir a cumprir, enquanto instituição popular, um papel quase insubstituível na formação dos sujeitos, desde que abandone radicalmente duas de suas tendências contemporâneas: a primeira, aquela estigmatizante, que, cristalizando tensões e diferenças, busca a todo custo como resultado a padronização e, conseqüentemente, o estereótipo. A segunda, talvez, mais grave, aquela burocratizante, que vê na panaceia das estratégias curriculares e pedagógicas a solução para problemas de natureza, como vimos, substancial e ética.

Resgatar a linguagem enquanto um processo que tem a densidade, a precariedade e a singularidade do acontecimento Osakabe (2001, p. 08) requer, dada a complexidade da vida social contemporânea, que a Educação Linguística (doravante E.L) seja pensada por intermédio da prática, na sala de aula, de processos investigativos orientados para o estudo dos gêneros textuais, uma vez que eles funcionam como um modo de proceder em um meio social específico. (BONINI, 2011, p. 55)

Defende-se aqui, portanto, que a E.L na EJA seja um movimento que vá além daquilo que, por muito tempo, esteve, numa perspectiva reducionista, previsto para os sujeitos deste segmento e que sempre foram vistos e colocados à margem dos interesses políticos no que concerne ao acesso à educação.

Dessa forma, é necessário o entendimento de como se dá esse movimento na EJA (movimentos que acontecem apenas na margem em que esses sujeitos, geralmente estereotipados, são colocados ou além dela?) a fim de que possamos pensar não só na elaboração de propostas de multiletramentos na aula de Língua Portuguesa, como também entender os efeitos de sentidos que essa prática pode trazer para os textos produzidos pelo alunado deste segmento. A nossa pretensão não é apresentar soluções imediatas para os problemas detectados, mas contribuir, como já foi dito, para a compreensão dos processos em questão, o que poderá servir para trabalhos posteriores sobre o tema e as questões que o envolvem.

Reconhecemos que muito ainda se tem a investigar em relação aos percursos das práticas de escrita na EJA: como a reescrita do texto influencia na progressão do aluno em relação à construção dos sentidos de seu texto; quais os reflexos dessas práticas para a realização (ou não) da escrita autoral e da constituição do sujeito-autor no contexto escolar da EJA e como construir um material didático que, de fato, atenda às discussões contemporâneas em relação ao Ensino de Língua Portuguesa. Os movimentos que precisam acontecer ainda são muitos para

que a Educação Linguística destinada à EJA vá para além daquilo do que é posto para aqueles que estão na margem. Eles precisam ir além!

## Referências

- ADAM, J.-M. Les textes: types et prototypes, paris, nathan, coll. **Fac linguistique**, 1992.
- ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. **Editora Artmed. Porto Alegre**, 2009.
- BAHIA. SECRETARIA DA EDUCACÃO. Política de EJA da Rede Estadual. Aprendizagem ao longo da Vida. Salvador. Coordenação de Educação de Jovens e Adultos. Secretaria de Educação, 2009.
- BONINI, A. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**, v. 2, p. 57–71, 2005.
- BRASIL. Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm).
- BRASIL. Ministério da Educação. Documento Base - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos à PROEJA. Brasília: SETEC, 2007.
- BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Trabalhando com a educação de jovens e adultos: a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem. Brasília, DF, 2006. (Caderno 2). Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_caderno2.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno2.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2013.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. [S.l.]: Autêntica, 2008.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. **reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra**, n. 48, 2005.
- OSAKABE H. LINGUAGEM E EDUCACÃO. IN: MARTINS, M. H. O. **Questões de linguagem**. [S.l.: s.n.], 2001. 7–10 p.
- PIERRO, M. C. D. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. [S.l.]: SciELO Brasil, 2005. v. 26.
- RIBEIRO, Eliane. EDUCACÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: CONQUISTAS E CONTROVÉRSIAS. Anais. Congresso Iberoamericano de Educación: metas 2021. Buenos Aires, 13, 14 y 15 de septiembre de 2010. Disponível em: <<http://www.adeepra.org.ar/congresos/Congreso>> Acesso em: 02 mai. 2016.
- STREET, BRIAN. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.